

PERCEPÇÕES DOCENTES SOBRE FEIRAS DE CIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NA FERA 2025

Renato de Souza Araújo Filho¹; Jaene Guimarães Pereira²

¹Graduando em Engenharia Civil pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Caraúbas, Rio Grande do Norte, Brasil, renato.filho@alunos.ufersa.edu.br

²Professora Adjunta da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Caraúbas, Rio Grande do Norte, Brasil, jaene@ufersa.edu.br

Resumo: As feiras de Ciências são recursos pedagógicos extremamente importantes para o desenvolvimento de competências de pesquisa para os(as) alunos(as) das redes públicas de ensino. A implementação em algumas escolas, no entanto, não são tarefas simples e enfrenta problemas de ordem estruturais e institucionais. Dessa maneira, os problemas se confundem com aqueles enfrentados pelos docentes no ambiente escolar. Este estudo, portanto, teve como objetivo principal analisar a percepção dos(as) professores(as) orientadores(as), afim de elencar os desafios, motivações e as estratégias desenvolvidas junto aos(as) alunos(as) na participação na Feira de Exposição Regional Acadêmica (FERA) 2026. Trata-se de um estudo qualitativo a partir de um estudo de caso, sendo uma coleta de dados realizadas por 36 professores participantes do referido evento. A análise se deu a partir das respostas fornecidas pelos(as) docentes. Os principais resultados indicaram a falta de estrutura, a falta de recursos financeiros e a ausência de laboratórios como principais dificuldades para elaboração dos projetos e, consequentemente, sua participação na FERA. Apesar desses fatores, observou-se que os(as) professores(as)-orientadores(as) foram os principais agentes motivadores a participação dos(as) estudantes, destacando os impactos benéficos na vida de seus estudantes. Conclui-se, portanto, que eventos como a FERA contribuem para uma aproximação dos(as) estudantes no meio universitário, estimulando o conhecimento científico e o protagonismo.

Palavras-chave: Feira de Ciências; Professor-orientador; Iniciação Científica; Desafios estruturais; educação básica.

Introdução

As feiras de ciência na literatura que aborda as feiras de Ciências são reconhecidas como uma das principais estratégias que auxiliam na ponte entre a prática pedagógica e cultural na educação básica (Brasil, 2006). Essa afirmação, inclusive, dialoga com as palavras de Freire, quando contesta uma educação de cunho bancária em que o(a) discente atua como mero objeto receptor, sem exercer uma prática autônoma, protagonista (Bernardes, 2023; Araújo, 2015).

Ou seja, com o auxílio das feiras de ciências no ambiente escolar, o aluno deixa de ser um “receptor passivo de conhecimento” (Machado, Nunes, & Faleiro, 2022), tornando-se um ingênuo curioso que agora se torna responsável pela sua aprendizagem (Soruco, Soares, & Ruppenthal, 2024). A estratégia pedagógica evidenciada é fundamental para a Iniciação Científica (IC) na Educação Básica (Costa, Mello, & Roehrs, 2019), pois permite ao(à) discente, através das suas próprias faculdades, aplicar os conhecimentos construídos no contexto de sala de aula.

Transforma, assim, o conhecimento em algo útil para intervenção para problemas que ocorrem em sua realidade. As competências adquiridas são inúmeras, dentre as quais se destaca o desenvolvimento pessoal, acadêmico e científico, como seleção e informações e trabalho em equipe (Adams, Alves, & Nunes, 2020). Os(as) docentes, entretanto, relataram algumas dificuldades, que vão desde a percepção da feira como um “trabalho extemporâneo” (Souza, 2016) até a precarização estrutural.

Os professores relatam vivenciar dificuldades que frequentemente impedem a realização das feiras de Ciências, destacando a carência de tempo para se dedicar aos projetos (Sena & Vasconcellos, 2024), a insuficiência de recursos materiais, financeiros e a ausência de infraestrutura básica, como laboratórios adequados. O presente trabalho teve como objetivo principal analisar a percepção de professores(as) orientadores da rede pública de ensino do médio oeste potiguar que participaram da terceira edição da Feira de Exposição Regional Acadêmica (FERA), realizada no ano de 2025 e as estratégias de resistências, debruçando-se sobre as condições, as percepções e os desafios

Especificamente, busca-se: mapear os desafios relatados pelos professores sobre suas atividades relacionadas às feiras de Ciências; compreender os fatores de motivação que sustentam o engajamento docente; e identificar a percepção dos professores sobre a relação

entre a universidade e a escola básica. Para alcançar tais objetivos, este trabalho configura-se como um estudo de caso de natureza qualitativa. Os dados foram coletados por meio de entrevistas coletivas, no formato de rodas de conversa, com 35 professores (as) – orientadores, em dois dias. O material coletado foi submetido à análise de conteúdo categorial temática.

Metodologia

O estudo aqui destacado é de natureza qualitativa. A abordagem de cunho qualitativo, de acordo com Gil Perez (2002), é mais adequada, especialmente para esse tipo de estudo, tendo em vista que não se trata de um critério quantitativo, haja vista a necessidade de compreender as percepções, experiências, significados, desafios e motivações atribuídos aos sujeitos envolvidos. No tocante à pesquisa, classifica-se como exploratória, buscando uma familiaridade em relação a um fenômeno, a dos(as) professores(as) e suas percepções diante do objetivo proposto.

Além disso, insere em um estudo de caso, de acordo com Gil Perez (2002), tendo em vista que se destaca a experiência específica de um grupo, dentro de uma localidade, em um evento específico. O caso aqui analisado envolve 35 professores(as)-orientadores(as) e sua participação na FERA 2025, com dados arrecadados através de duas rodas de conversa, ocorridas em dias subsequentes, a qual originou os dados a serem analisados. Além dos questionamentos individuais, observou-se a interação e a discordância entre as respostas.

O locus da pesquisa foi no âmbito da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), no Campus Caraúbas, durante a realização do evento, que ocorreu nos dias 18 e 19 de setembro de 2025, contribuindo para a efervescência e atualidade dos dados. Entre os principais sujeitos envolvidos, contou-se com 35 professores(as) da rede pública, municipal e estadual do médio oeste potiguar, todos(as) orientadores(as) dos trabalhos apresentados no FERA 2025.

A análise do tema foi realizada a partir dos pressupostos da análise de conteúdo categorial temática, como definidos por Bardin (2011). O método, de acordo com o autor, parte da identificação dos principais núcleos de sentido presente na estrutura textual dos dados. A sistemática definida pelo autor consiste em três momentos: I – pré-análise: consiste na exploração do material e no tratamento dos resultados encontrados inicialmente, em uma leitura flutuante do texto, que é resultado dos dados transcritos; o procedimento permite, dessa

forma, a imersão na visualização dos dados, na releitura e na formulação de hipóteses que podem ser comprovadas ou descartadas nos momentos posteriores.

A pesquisa seguiu, de forma rigorosa, os preceitos estabelecidos nas constituições dos preceitos éticos, de acordo com as Resoluções CNS 466/12 e 510/2016. A participação docente foi voluntária, de modo que, após obtido o direito de gravação com a confirmação verbal e escrita no início das sessões, iniciou-se, conjuntamente, as gravações. De antemão, assegurou-se a confidencialidade de cada informação prestada, seguida de assinatura do termo de confidencialidade das informações, com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Além disso, como uma maneira de preservar a identidade dos(as) entrevistados, os nomes foram suprimidos por códigos alfanuméricos (ex: P1, P2, etc.) na apresentação dos resultados. A medida foi necessária não só para a preservação da imagem dos(as) docentes, bem como das instituições que estão vinculados(as).

Resultados e Discussões

A precarização estrutural e financeira. Este argumento foi, sem sombra de dúvidas, o ponto central dos relatos em ambos os dias. A dificuldade apontada pelo corpo docente para a realização de Feira de Ciências, bem como para participação na FERA 2025, foi apontada pelos(as) professores(as) como a maior dificuldade. Em um dos relatos, pode-se resumir o sentimento de todo o grupo: “Ninguém faz ciência sem investimento (P1)”. Os apontamentos não se limitam na viabilização e participação dos alunos(as), alargam-se para a falta de possibilidades de participação em eventos para os quais são credenciados, como feiras regionais e nacionais, não se limitando a FERA 2025.

Não há, sequer, verba para custeio de passagens, para hospedagens e até mesmo para alimentação durante o período de participação. A participação na FERA, inclusive, torna-se uma verdadeira incógnita. Os(as) professores e os(as) estudantes, caso vençam e conquistem credenciais para eventos nacionais e internacionais, não possuem confirmação alguma de que conseguirão participar. Ou seja, dificilmente receberam qualquer tipo de apoio para continuar sua pesquisa e aprimorar suas habilidades.

Esse cenário se torna, assim, o maior fator de desmotivação. Transforma-se, ainda, em frustração para quem dá os primeiros passos no mundo da ciência. Em outro relato, diz-se que “isso é muito frustrante, pois participamos de feiras como a FERA, ganhamos credencial e não podemos participar porque não temos o recurso para custear as despesas. [...] Para viajar para a

FEBRACE, tivemos que fazer uma feijoada”. Complementa, ainda que, “ganhamos credenciais até para Dubai, mas não tínhamos o recurso “(P4). Assim, apesar de todo o esforço e dedicação na construção e exposição dos projetos é reduzido ao limbo, onde os projetos são esquecidos. Quando não, resta aos(as) docentes encontrar medias precárias para financiamento e participação.

Isso dialoga com a percepção de outro docente, quando diz que “tirou o recurso do bolso para fazer os banners” (P2) ou para custear materiais para continuidade dos projetos. Um outro relato acrescentou que foi necessário “pedir dinheiro” (P3) para que a participação fosse possível. Complementou, ainda, que “nós temos um PIX da escola para arrecadar dinheiro para a feira de ciências e todo dia meu colega manda a chave PIX no grupo dos professores e pede para ajudar” (P3). A realidade vivenciada pelo(a) docente foi confirmada pelas palavras de outro, quando menciona sua participação em outras feiras de ciências: “Participei de cinco feiras regionais, todas elas tiveram que colocar a mão no bolso, não foi apenas para complementar, mas foi para custear tudo” (P5)

O estado crítico revelado pelas palavras dos(as) professores reforça a falta de atuação do poder público no investimento em uma educação transformadora. Denuncia a precarização docente e discente nas atividades realizadas no meio escolar, responsabilizando escolas, professores(as), discentes e secretarias por um trabalho realizado com um investimento quase nulo. A fala do(a) professor(a) revela, quando afirma “participei de cinco feiras com investimento próprio”, traz à tona a realidade em que as escolas se encontram.

Apesar desse contexto, em que os(as) professores(as) retiram de seu próprio salário o investimento para realização de atividades no meio escolar, comprova-se que esses sujeitos são capazes de produzir ciência, mesmo diante de situações de tanta escassez. A FERA, infelizmente, segundo os professores, foi mais um desses momentos em que a falta de equipamentos básicos, como a ausência de laboratórios adequados, refletiu-se na pesquisa. A afirmação não parte da qualidade da ciência produzida, mas na dificuldade refletida para sua realização, demonstrando como os envolvidos buscaram superar essas dificuldades, como a utilização de outros espaços. Um dos(as) docentes, inclusive, afirmou que teve que se “deslocar pelo menos uma vez ao mês para realizar os ensaios no Campus Caraúbas” (P6).

Resumidamente, os relatos evidenciam a ciência produzida na escola pública, principalmente a que resultou na participação da FERA 2025, exigiu um esforço dobrado por parte dos(as) orientadores, contornando, quando possível, as dificuldades de verbas, ausência de laboratórios, apoio por parte do estado etc. Foi necessário a persistência dos(as) professores(as), a dedicação e a vontade de ver seus estudantes em um evento científico.

A realização das feiras depende de fatores como a motivação da gestão escolar e dos alunos, mas o corpus da análise revela que o professor-orientador é o pilar central. Como relata um participante: “Por menos recursos que temos, temos o maior deles que somos nós professores. A mola mestra das escolas são os professores”. (P1) A realização das feiras depende de uma rede colaborativa que envolve a gestão escolar e discentes, mas o corpus da análise revela que os professores – orientadores acaba assumindo o papel de pilar central dessa estrutura. Como relata um participante: “Por menos recursos que temos, temos o maior deles que somos nós professores. A mola mestra das escolas são os professores” (P1)

Além dos fatos já mencionados, os(as) docentes destacaram que a orientação dos projetos é uma responsabilidade que se estende durante todo o ano letivo. Ou seja, fora dos horários de aula e, conseqüentemente, de remuneração pelo trabalho desenvolvido, como algo voluntário. De acordo com o relato, “não recebemos hora extra para orientar os alunos nos projetos” (P18). O relato é bem triste, à medida que se verifica a falta de remuneração dos trabalhos realizados recai na motivação dos professores que, embora observem e fiquem felizes pelo progresso e crescimento docente, sobrecarregam-se em uma rotina desumanizante que influi, diretamente, em sua qualidade de vida.

Essa realidade reforça a precarização do trabalho docente, que adoecem e não conseguem, muitas vezes, dar conta do seu auxílio com suas devidas competências. Docentes do ensino fundamental (8º e 9º ano) foram enfáticos ao afirmar que “não se sentem preparados” para orientar os alunos na metodologia científica. A insegurança revela a necessidade urgente de o docente se reconhecer também como pesquisador. O relato reflete como uma carga excessiva que recai sobre o(a) docente, que não consegue, muitas vezes, atualizar-se em uma competência de seu ofício.

Diante disso, alguns relataram como alguns momentos de formação forma cruciais, destacando o papel que a universidade exerceu como apoio e uma formação continuada com foco em metodologia, destacando como poderia ser oferecida pela universidade dentro da escola, adaptada à realidade local. As ações resultaram na percepção de uma docente, quando afirma que quando “a universidade promove momentos de formação contínua, como rodas de conversa e capacitações para nós professores, sinto que isso nos incentiva a nos engajar mais nesse processo” (P. 29).

A fala do(a) professor(a) evidencia que como a formação continuada como um suporte técnico metodológico, como um elemento de valorização profissional que impulsiona a sua atuação como professor(a)–orientador(a). A aproximação da universidade adaptada a realidade local, reafirma como o espaço acadêmico ainda é, sobretudo, um espaço de qualificação na

prática. A realização da FERA, apesar de todos os percalços relatos pelos(as) docentes, não retiraram o desejo de qualificação. Demonstrando, de certa maneira, como a aproximação da universidade à realidade escolar ainda é uma demanda latente.

A desconexão entre a escola e a universidade reforça a falta de um objetivo, de um propósito para aqueles que compõem o chão da escola básica. Os(as) professores, em concordância com esse argumento, expõem que “os projetos de extensão da universidade não chegam às escolas como deveriam e que é preciso ‘estretar os laços’”. Para os professores-orientadores, a universidade precisa inverter a lógica de espera, “a universidade não está mais tão longe do que diz respeito à distância física, é importante que ela vá até as escolas” (P6), buscando essa conexão.

A demanda central é que a universidade quebre a barreira física e simbólica, adotando uma postura mais ativa e que a universidade possa ir até as escolas e não 30 apenas esperar que as escolas fossem até a universidade. Os docentes veem na universidade um parceiro crucial para o “suporte financeiro”, o “diálogo com políticas e projetos” e a utilização de estruturas laboratoriais.

Em suma, os(as) docentes(as) enxergam na aproximação com a universidade uma via possível para mitigar o sucateamento de suas escolas. Ou seja, enquanto seres conscientes da situação escolar, enxergam a universidade e a aproximação entre essas duas esferas como uma maneira de mitigar, ao menos em partes, uma realidade tão complexa. Na FERA 2025, por exemplo, verificou-se que a quantidade de trabalhos ainda foi muito baixa, em decorrência não só dos fatores mencionados, como também da falta de apoio de uma equipe mais preparada.

A aproximação será fundamental, de acordo com a percepção docente, para que os(as) estudantes desenvolvam competências que extrapolam o currículo tradicional, como o desenvolvimento de oratória, de autoconfiança e de métodos científicos. Aliado a isso, a inclusão será outro fator determinante, como dados relatados pelos(as) professores. Durante a roda de conversa, evidenciou-se pela participação ativa de 4 discentes surdos, 2 discentes com TDAH e 1 com deficiência não visível. A ciência, neste contexto, apresenta-se como uma linguagem universal de inclusão, capaz de integrar e empoderar sujeitos historicamente marginalizados.

Um dos relatos mais inspiradores no âmbito dos(as) professores(as) que participaram da FERA diz respeito ao caráter motivador para os(as) discentes. Em um dos relatos, comenta-se que “Sou orientadora de um menino surdo, ele tem 15 anos [...] essa é a segunda feira de ciências dele e quando ele entrou no projeto ele falou que queria entrar porque queria andar de avião. Esse era um dos incentivos dele para fazer ciência” (P14). O relato demonstra como a

ciência, além de seu caráter transformador da realidade social, torna-se uma ferramenta mobilizadora de sonhos.

Os relatos evidenciam como os incentivos são maneiras de aumentar a participação discente e reforçar o caráter crítico de suas participações. De acordo com uma os relatos apresentados, algumas táticas podem ser ilustradas, como “vinculação Curricular, em que participação poderia fazer parte do componente bimestral, assegurando e garantindo a adesão dos estudantes.

Ademais, a criação de premiações internas funcionaria como reconhecimento simbólico, tendo em vista a falta de verbas para outros tipos de premiação. Outro exemplo seria o uso de “medalhas, troféus e jantares” (P19), como uma forma de valorizar aqueles e aquelas que se esforçaram na realização, exposição e defesa de seus trabalhos dentro das limitações financeiras das escolas públicas e estaduais desta localidade.

O trabalho para criação dessa cultura institucional não deve, portanto, ser trabalho apenas dos(as) professores(as). É responsabilidade de toda a rede escolar, de todos os membros da sociedade civil envolvidos e das autoridades que regem as escolas. O resultado prático desse engajamento discente converte se em um combustível emocional indispensável para a permanência do professor na orientação de projetos.

O sucesso de iniciativas como estas, reflete, diretamente, no ser docente. Em um dos relatos finais destacados pelos(as) professores(as), diz-se que: “eu enquanto professora tinha o sonho de subir no palco com a bandeira da escola e já realizei um dos meus sonhos”. Outro acrescenta que o seu sonho “ainda é viajar de avião. [...] Nós não ganhamos a mais pelas orientações, ganhamos algo que alimenta nossa alma, isso nos dá força para continuar” (P15). Em outras palavras, o magistério será feliz quando conseguir cumprir o papel que exerce pela sua formação acadêmica, mas também na realização dos seus e suas alunas, brilhando nos palcos, demonstrando a competência adquirida e absorvida com os seus mestres.

Considerações

O estudo consistiu, portanto, na análise da percepção de docentes das redes municipais e estaduais do médio oeste potiguar, acerca das feiras de ciências, bem como identificar os desafios, motivações e estratégias desenvolvidas no contexto da FERA 2025. Apontou-se, resumidamente, que o município e os professores são muito limitados por questões estruturais,

financeiras e formativas para a realização dessas atividades no âmbito das escolas em que atuam.

Observou-se, ainda, que enxergam como a universidade pode servir como apoio, ao se aproximar da escola básica para tentar solucionar ou pelo menos diminuir as fraquezas encontradas no chão da escola básica. Um desses exemplos é a própria FERA, que desenvolveu, durante sua execução, um papel de formação científica e cidadã para os estudantes. Reconhece-se, ainda, que isso não anula a necessidade de políticas públicas, de investimento e, sobretudo, melhores condições para o desenvolvimento de pesquisas no chão da escola básica.

Reforça, ainda, a necessidade de outros estudos na área, principalmente os que vão de encontro aos pressupostos aqui elencados, tornando possível o reconhecimento dos diferentes anseios e necessidade das diferentes localidades. Sugere-se, ainda, estudos que permitam a análise em diferentes contextos sociais e regionais, bem como nas estratégias em que as universidades podem aderir para fomentar o diálogo entre as duas esferas educacionais, fazendo com que os(as) professores(as) visualizem um apoio.

Referências bibliográficas

ADAMS, Fernanda W.; ALVES, Scarlet D. B.; NUNES, Simara M.T. **A construção de conhecimentos científicos e críticos a partir de Feiras de Ciências**. Ensino, Saúde e Ambiente, v. 13 (1), pp. 144-160, abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/resa2020.v13i1.a21642> Acesso em 18 out. 2025. ARAÚJO,

Ana Vérica de. **Feira de ciências: contribuições para a alfabetização científica na educação básica**. 2015. 134f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/18922> Acesso em 16 out. 2025.

BERNARDES, Adriana Oliveira. **Feira de Ciências e sua importância no contexto escolar**. In: Open Science Research XII. Guarujá: Editora Científica Digital, 2023. cap. 69, p. 891-906. Disponível em: <https://www.editoracientifica.com.br/books/chapter/230813920> Acesso em 7 nov. 2025. CIÊNCIA PARA TODOS. Ciência Para Todos. Disponível em: <https://cienciaparatodos.com.br> Acesso em: 18 out. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Sobre a CIENTEC. Disponível em: <https://sigeventos.ufrn.br/evento/CIENTEC2017/pagina/sobre-a-cientec>. Acesso em: 19 dez. 2025.

COSTA, L. D. ., Mello, G. J. ., & Roehrs, M. M. . (2019). **Feira de Ciências: aproximando estudantes da educação básica da pesquisa de iniciação científica**. Ensino Em Re-Vista, 26(2), 504-523. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/ER v26n2a2019-10> Acesso em 19 out. 2025.

KRASILCHIK, Myriam. **Professor e o currículo das ciências**. São Paulo: Epu/USP. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000766173> Acesso em 5 de nov. 2025.

MAGALHÃES, D. C. ., Massarani, L. ., & Rocha, J. N. . (2022). **Memórias das Feiras de Ciências: entrevistas com participantes das Feiras estudantis de Ciências das décadas de 1960 e 1970 em são paulo**. *Linguagens, Educação E Sociedade*, 26(51), 234–267. Disponível em: <https://doi.org/10.26694/rles.v26i51.2880> Acesso em 24 out. 2025.

MAGALHÃES, D. C., Massarani, L., & Rocha, J. N. (2019). 50 anos da I Feira Nacional de Ciências (1969) no Brasil. *Interfaces Científicas - Humanas E Sociais*, 8(2), 185–202. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3801.2019v8n2p197-214> Acesso em 15 out. 2025.

MANCUSO, R.; LEITE FILHO, I. **Feiras de Ciências no Brasil: uma trajetória de quatro décadas**. In: BRASIL. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Básica. Programa Nacional de Apoio às Feiras de Ciências da Educação Básica. Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EnsMed/fenaceb.pdf> Acesso em: 2 nov. 2025.

SENA, Flaviane Barbosa; VASCONCELLOS, Ruan Managna. **Importância da feira de iniciação científica para a valorização do conhecimento no ensino médio em tempo integral**. 2025. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Ciências da Natureza) – Instituto Federal do Espírito Santo, Colatina, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/6641> Acesso em 26 out. 2025.

SORUCO, T. M. de O. ., Soares, R. G. ., & Ruppenthal, R. (2024). **Feira de Ciências e suas contribuições para o desenvolvimento do letramento científico nos anos finais do ensino fundamental**. *Vivências*, 20(40), 285–299. Disponível em: <https://doi.org/10.31512/vivencias.v20i40.1003> Acesso em 19 out. 2025.

SOUZA, Thaianne Lopes de. **Concepções dos professores da educação básica sobre as feiras de ciência**. 2016. 96 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2016.15> Acesso em 2 nov. 2025.

